

MANRIQUE GONZÁLEZ, Rubén – *La vocación al amor: una revelación en la experiencia; un estudio en las Catequesis de Juan Pablo II sobre el amor humano en el plano divino*. Burgos: Publicaciones de la Facultad de Teología del Norte de España, 2014, 502 p.

Rubén Manrique González é um sacerdote secular da diocese espanhola de Burgos, licenciado em Filosofia, especialista em Teologia Dogmática, pároco, conselheiro da delegação diocesana da pastoral de "Familia y Vida" e – após ter defendido, em junho de 2103, a sua tese que, nesta obra presentemente recensionada, é dada a lume na coleção de textos académicos da sua "*alma mater*" teológica – Doutor em Teologia pelo *Pontificio Istituto Giovanni Paolo II per Studi su Matrimonio e Famiglia* da *Università Lateranense*.

É inegável que João Paulo II é e, de uma forma ou de outra, será sempre considerado como uma das maiores figuras da Igreja Católica e, inclusive, da humanidade. A sua herança é ainda sentida, em diversos quadrantes sociais e eclesiais, como pesadíssima: as suas numerosas ações e demais intervenções escritas e (ou) orais ainda estão, e estarão durante imenso tempo, a ser estudadas e avaliadas nas suas mais amplas repercussões. Repercussões que, com o passar do tempo, ganharão contornos ainda mais precisos à medida que um maior afastamento afetivo do mesmo permitirá cadeias de leituras cada vez mais objetivas e lúcidas.

É igualmente incontestável que o tema do "amor", por mais trabalhado que seja e até por Deus ser Amor, nunca estará esgotado, devendo mesmo ser, pelo menos no âmbito de um Cristianismo que não pode ser senão sinónimo desse mesmo Amor que Deus é, central para toda a reflexão acerca da Divindade e, diz-nos a revelação bíblica, de um ser humano criado à imagem semelhante d'Aquela. Assim sendo, dificilmente se poderá dizer que há um tema mais importante do que este e, conseqüentemente, todo o mais pequeno traço que, com alguma competência, possa ser gizado no esboço mais global de tentativa de descrição do "amor" é, sempre, uma achega bem-vinda.

Pois bem, a obra que aqui apresentamos nesta recensão não só é um elo no mencionado encadeamento de estudos, mas também um dos aduzidos venturosos traços. Nela, como o seu título bem descreve (e embora o Autor não tenha feito nenhum considerando crítico acerca da problematicidade inerente à complexa autoria das catequese de João Paulo II), pretende-se refletir sobre a conexão existente entre as categorias de "revelação" e de "experiência". Duas categorias não só associadas, respetivamente, à "irradiação" e à "radicação" do amor, mas ainda absolutamente matriciais para todo o conhecimento interpessoal – seja este entre seres humanos, seja entre os mesmos e Deus. A mencionada pretensão surge, particularmente, de modo a – ao longo de quatro grandes partes (talvez ordenadas de um modo relativamente apartado da intenção essencial de João Paulo II) – fazer-se luz sobre a natureza humana. Mas não só: e para se aclarar a vocação do ser humano enquanto atuante cooperativo no amoroso desígnio divino (tenha-se em conta, efetivamente, que a "eleição divina" enquanto "ação" tem de ser um gesto de amor que dimana numa pessoa dotada da capacidade de agir), naquilo que, na realidade, foi um giro coperniciano nos pronunciamentos do Magistério Pontifício. Um giro sublimemente visível, por exemplo, no número 10 da encíclica *Redemptor hominis*: «O homem não pode viver sem amor. Ele permanece

para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente».

Pois bem, na primeira daquelas partes, Manrique apresenta aquilo que estima ser o conjunto das características – tidas por Bento XVI, e também por si, como originais – do método de teologizar que foi implementado, sobretudo nas catequeses em ponderação, por João Paulo II. E isto articulando, com preciosidade, a explanação de tais características com a exposição de ponderados aspetos biográficos de Karol Wojtyła que (segundo uma leitura muito pessoal do Autor) terão contribuído para a formação de tal teologizar. Da confluência crítica de um tomismo personalista (mais do que um personalismo tomista) com o pensamento místico-tomista de Juan de la Cruz, Manrique – acreditando que «una de las mayores aportaciones de nuestra investigación será poner en relación y en contrastar minuciosamente las *Catequesis* con el pensamiento filosófico de Karol Wojtyła» [p. 5] (o que, face a obras análogas, já diz muito sobre o valor mais substancial desta obra) – crê poder vislumbrar o surgir daqueloutro método. Um método que – julgado por este Autor como o fundamento de possibilidade analítica de tudo o que João Paulo II aduz sobre o amor humano enquanto dom acolhido e, posteriormente, tarefa a cumprir – decorre de uma circularidade entre filosofia e teologia que se expressa, de modo particular, numa metafísica do amor e da pessoa; a única que, na realidade, faz jus ao facto de que o mais autêntico rosto do Ser é um Amor que subsiste numa Trindade de Pessoas.

É evidente que ao facto antes apontado só se acede plenamente pela Autorrevelação divina. Contudo, ao ser o ser humano concreto uma imagem – não primeira, mas segunda (e aqui talvez se possa deplorar uma considerável ausência de reflexão cristológica, quer neste estudo, quer nos discursos que lhe deram origem, não menos porque tudo o que é “vocação ao amor” e, previamente, “do amor”, foi levado à sua plenitude em Cristo Jesus) – de Deus, o mesmo pode ser intuído na vivência subjetiva de cada pessoa humana que descubra no amor a realidade mais valiosa da (sua) vida. Este é, precisamente, o tema da segunda grande parte desta tese de Manrique, o qual, trabalhando fenomenologia e exegese na esteira de João Paulo II, se centra naquilo que, seguindo os textos por si estudados, denomina de “experiências humanas originárias” da identidade humana. A saber (e estranhando-se a falta de uma consideração direta da consciência ferida pela recusa do uso da liberdade): a solidão como eco de uma carência; a unidade como complementaridade sexual; e, por fim, a nudez do corpo – na sua dupla valência de manifestação e, simultaneamente, de ocultamento – como foco de um pudor respeitador da mútua corporeidade.

Uma vez chegados a este ponto, entra-se na parte mais relevante deste trabalho: aquela que se foca naquela radical “experiência fundante” que expressa o nuclear do que é ser humano e que, sendo justamente tida como uma genuína revelação divina sempre preveniente, fundamenta, agrega e plenifica as três “experiências originárias” já mencionadas e, ao mesmo tempo, mostra a plena coerência entre revelação e experiência. Tal experiência, como é fácil de deslindar, é o amor: «es el amor, anterior a su misma autoconciencia y libertad, el que hace salir al ser humano de sí mismo, constituyéndose en la experiencia originaria primera y fundamental» [p. 271]. No fundo, trata-se de reler tudo o que foi precedentemente estudado a partir daquilo que é denominado de “vocação ao amor” (faltando apenas “universal” a adjetivar “vocação” para ser um “*clin d’œil*” a Hans Urs von Balthasar e, especialmente, ao seu *Christlicher Stand*),

mostrando – ou, pelo menos, tentando mostrar – que, em João Paulo II, o amor posto em ato – o qual, fenomenologicamente estudado sob a perspectiva da doação extática, é a realidade que, na confluência de memória e de promessa, permite o acesso à, e o conhecimento da, pessoa – culmina na já mencionada metafísica do amor (repare-se que, na realidade e ponderando-se a dimensão criatural do ser humano, é sempre preciso delinear uma axiologia metafísica da pessoa, determinando-a com traços únicos que, ultimamente, só a partir de uma metafísica do amor podem ser discernidos, não menos porque, estando "amor" e "pessoa" inseparavelmente interligados, o amor em si mesmo está ligado à realidade da pessoa).

Por fim, na derradeira parte desta investigação, o Autor aborda aquela dinâmica do amor que apela ao reconhecimento do arraigamento de cada ser humano num mesmíssimo amor que provém de Deus e o constitui no ser. Eis o que revela a Paternidade de Deus e, confluindo numa promessa de comunhão, permite uma leitura sponsal na doação de si. Aquela doação que – ao ser acolhida e retribuída na linha da lógica da aliança que Deus deseja realizar com o ser humano (algo que Manrique só aborda tangencialmente) – se abre em Deus – o "Terceiro" fontal por excelência – a um terceiro comum a ambos – o(s) filho(s) –, naquilo que permite a mais plena diafania da comunhão trinitária. Diafania esta que recorda que o amor criador não é um amor impessoal, monádico e indiferenciado, mas um verazmente interpessoal, comunitário e personalizante que partilha do amor trinitário em que o Pai e o Filho Se amam no Espírito.

É exatamente aqui que Manrique expõe a sua leitura da "teologia do corpo" formulada por João Paulo II, a qual, estabelecendo uma unidade entre fé e vida e segundo o Autor, possui um conteúdo somente instrumental enquanto insere o sujeito no que tal Pontífice denominou de "hermenêutica do dom" – algo que, uma vez que é ela que ampara o propósito íntimo de qualquer dom (como poderia ter sido mais sublinhado por Manrique), abre à ponderação da centralidade do desígnio do doador. E isto ao agregar três realidades. Primeiramente, o ser testemunho de um dom divino precedente (algo que, como convém deixar bem vincado, faz com que o amor humano seja determinado por elementos primordiais e essenciais anteriores a toda a mera opinião subjetiva, dando-lhe uma orientação estável apartada de toda a volatilidade sentimental que, no limite, levasse a interpretar as relações interpessoais de acordo com uma visão emotiva ou utilitária). Depois, o permitir o acolhimento do, e abertura ao, outro. Em terceiro lugar e finalmente, o possibilitar a constituição de uma comunhão alicerçada no dom (e, aqui, parece-nos que falta um maior cuidado dado à afetividade – que em nada nega a teologia autêntica do "*pur amour*" –, quer em si, quer na sua dimensão social, como se constata, ainda e por exemplo, e talvez por o Autor ser um teólogo dogmático, no não tratamento de *La teologia della tenerezza* de Carlo Rocchetta e Gianfranco Ravasi – obra fundamental que pretendeu dar apreço ao relevo que João Paulo II tentou dar à dinâmica característica dos afetos).

Ultimamente, e embora o Autor não o refira, parece-nos claro que estamos perante um projeto de antropologia amorológica que apresenta o amor como o alfa e o ômega de tudo o que, sendo próprio de Deus, caracteriza o ser humano na sua identidade mais radical. E isto tendo, de modo compreensível, como esboço argumentativo o próprio texto genesíaco do primeiro encontro amoroso humano que, conforme é evidente, é genuinamente um metatexto que pretende dizer todos os encontros desse gênero. Tais encontros, numa imanência repleta de uma transcendência neles gratuitamente presente – e aquele qualificativo é estimado, por Manrique, como o fio de prumo

condutor desta sua reflexão acerca das *Catequeses* de João Paulo II –, são reveladores de um *amoroso Dom primigénio divino* que não é diferente do próprio Dativante. Um Dom que capacita o "peregrino do amor", que é cada homem, para a consumação de uma vocação – e esta realidade é mesmo a pedra angular deste estudo sobre um ser humano que, descobrindo-a como o seu mais autêntico pulsar córdico, se reconhece como pessoa, pois só esta é chamada e dotada de uma vocação – para um *ulterior dom amoroso humano* que, não tendo qualquer limite, leva à participação intimíssima num Amor que é o Alfa e Omega de tudo o que existe.

Pondo de parte uma relativamente discutível opção para transformar algumas das suas reflexões em esquemas visuais – algo que, por vezes, converte parte das páginas deste estudo em mimeses de uma qualquer apresentação de *Powerpoint* –, bem como a tendência – talvez com benévolo intuito pedagógico, mas genuinamente fastidiosa – para dizer por multiplicadas palavras suas o que os textos, por si estudados e citados, dizem bem melhor em muito menos palavras, parece inegável que esta é uma obra de considerável valor. Um valor que só fica relativamente diminuído pela ausência dos grandes estudos em língua alemã concernentes ao tema por si ponderado (nomeadamente, *Lob des Leibes* de Raimund Ringel). Esta ausência é ainda mais injustificada por o Autor apresentar na bibliografia (que já, estranhamente e salvo alguma desatenção nossa, não aborda os textos presentes em *Amare l'amore umano. L'eredità di Giovanni Paolo II sul matrimonio e la famiglia*) obras nesse idioma (por exemplo, *Wesen und Formen der Sympathie* de Max Scheler). Dito isto e em suma, estamos ante uma obra que, mesmo quando muito tributária dos estudos consultados pelo Autor, em muito enriquecerá a coleção em que foi publicada e, ao mesmo tempo, aqueles que lhe dedicarem uma atenta ponderação.

Alexandre Freire Duarte